



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**CARLOS EDUARDO DA SILVA LIMA
NATIELLY DA SILVA BATISTA**

**ESPECIAL AYABÁS:
Mulheres negras chefes de família**

FORTALEZA

2021

CARLOS EDUARDO DA SILVA LIMA

NATIELLY DA SILVA BATISTA

ESPECIAL AYABÁS: MULHERES NEGRAS CHEFES DE FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

FORTALEZA

2021

CARLOS EDUARDO DA SILVA LIMA

NATIELLY DA SILVA BATISTA

ESPECIAL AYABÁS: MULHERES NEGRAS CHEFES DE FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Robson da Silva Braga (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Kamila Bossato Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professora Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab)

FORTALEZA
2021

RESUMO

O projeto multimídia **Especial Ayabás: Mulheres Negras chefes de família** busca abordar discussões que tangem a realidade da vida de mulheres negras que estão à frente do comando de seus lares na cidade de Fortaleza e região metropolitana. Ao longo dos materiais jornalísticos, trazemos os ambientes que essas mulheres ajudam a construir e movimentar, o espaço no mercado de trabalho e o empreendedorismo, procurando traçar debates acerca das violências que cruzam a vida desse grupo. Outras questões que também ganham espaço nessas narrativas é a temática da ancestralidade e da maternidade, que para as mulheres negras são assuntos que se encontram em consonância.

Palavras-chaves: mulheres negras; chefes de família; maternidade negra; ancestralidade africana.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 OBJETIVOS.....	08
2.1 GERAL	
2.2 ESPECÍFICOS	
3 PROBLEMA DA PESQUISA	09
4 JUSTIFICATIVA	10
5 REFERENCIAL TEÓRICO	12
6 METODOLOGIA.....	16
7 SUPORTE ADOTADO	18
8 ESTRUTURA DO PRODUTO	20
9 PROJETO GRÁFICO	25
10 REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA	30
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

1. INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, muito se discutiu sobre questões de empoderamento e visibilidade feminina na sociedade, principalmente no mercado de trabalho. Mas o que essas discussões parecem pouco trazer é que uma parcela desse grupo, as mulheres negras, já estava no mercado de trabalho antes dos primeiros movimentos feministas surgirem exigindo esse direito. Essas mulheres, que, em sua maioria, eram de famílias humildes e de pouca escolaridade, precisavam ajudar na renda familiar. Desse modo, desde muito cedo já estavam inseridas em alguma atividade trabalhista, sendo muitas delas de maneira insalubre.

As primeiras discussões do movimento de mulheres feministas pareciam negligenciar as distintas dificuldades que as mulheres negras tinham em comparação às líderes do movimento, que eram brancas e de classes abastadas. As pretas desde cedo estavam acumulando afazeres domésticos e trabalhistas, vivendo uma dupla jornada, enquanto as brancas, que idealizavam o movimento feminista, estavam discutindo sobre como elas não queriam mais ser donas do lar e precisavam integrar o mercado de trabalho e as instituições acadêmicas. Mas quem iria cuidar do lar dessas mulheres enquanto elas estivessem “ganhando o mundo”? Isso, essas mulheres pouco pareciam preocupadas em saber, ou suas discussões não pareciam ainda chegar a esse nível de profundidade.

Enquanto o primeiro grupo, por questões de necessidade, estava cuidando dos afazeres do lar e trabalhando fora de casa, enfrentando o machismo social e o racismo estrutural, o segundo grupo buscava sua independência financeira/profissional longe do sexismo de suas famílias tradicionais. Foi apenas em 1975, quando o Movimento de Mulheres Negras (MMN) apresentou um manifesto no Congresso Brasileiro de Mulheres, que a luta desse grupo ganhou o primeiro espaço para denunciar as múltiplas opressões vividas por elas. Segundo Caldwell (2001), “este documento apresentava as especificidades que marcam as experiências cotidianas dessas mulheres no que se refere às representações sobre sua identidade social, bem como desmascara o impacto da dominação racial e de gênero que gerou uma longa prática de exploração sexual” (*apud* SILVA e CANTO, 2016, p. 4).

Após a apresentação no Congresso e a redemocratização na política brasileira, pouco se alterou na realidade desse grupo minoritário, obrigando essas mulheres a criarem seus próprios grupos de discussões autônomas. Nesse período, um grande nome de destaque, Lélia González (1983), descrevia como a mulher negra é duplamente discriminada na sociedade, pontuando as opressões de raça e de sexo que transpõem a dimensão de classe. Quando

paramos para observar a realidade desse grupo feminino nos dias de hoje, muito foi conquistado, mas os índices ainda demonstram que esse grupo continua na base da pirâmide social, onde homens brancos são o topo, seguido por mulheres brancas e homens negros.

Segundo dados do Geledés - Instituto da Mulher Negra, em 2018 as mulheres negras ganhavam em média 42% do salário de um homem branco, e, seguindo o ritmo dos últimos 25 anos, precisam de mais 80 anos para que seus salários consigam se equiparar ao dos homens. Pesquisas realizadas nos últimos anos relatam como com a emancipação feminina, mais lares passaram a ser chefiados por mulheres. Somente entre 2014 e 2019, quase 10 milhões de mulheres assumiram o posto de gestora da casa, enquanto 2,8 milhões de homens perderam essa posição no mesmo período. Em um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, a região Nordeste concentrava o maior número de mulheres negras chefes de família do país, sendo 38% de todo esse grupo vivendo nos nove estados dessa área.

Com a divulgação no final do ano de 2019 da Síntese dos Indicadores Sociais realizada pelo IBGE, 63% dos lares chefiados por mulheres negras estão abaixo da linha de pobreza. Fazendo um comparativo racial, quando observamos esses números referentes a famílias chefiadas por mulheres brancas, esse índice cai para 39,6%, apresentando uma discrepância significativa. Com a exposição desses indicadores, podemos perceber que, mesmo com o passar dos anos, historicamente as mulheres negras ainda são um dos grupos mais vulneráveis do país.

Já na outra ponta dessa realidade, tem o ingresso da população negra no ensino superior. Segundo matéria veiculada pelo jornal Diário do Nordeste em julho de 2020, na última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) Contínua, apesar de dados ainda pequenos, 9% da população negra cearense possuem o diploma de ensino superior. Em dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) em 2018, o número de lares comandados por mulheres chegava a 47,1% das famílias do estado.

Com base nas informações expostas, o Especial Ayabás: Mulheres Negras Chefes de Família construiu um material jornalístico multimídia no formato de site. Com uma identidade visual de aspecto acolhedor, buscamos transmitir um ambiente de identificação com as personagens entrevistadas e com o público leitor que pretendemos atingir, mulheres negras cearenses. A nossa página na internet foi estruturada na plataforma Wix site (<https://especialayabas.wixsite.com/home>), mas também como nosso intuito era atingir o máximo de público leitor, o material foi ainda divulgado em seu perfil do instagram @especialayabas (<https://www.instagram.com/especialayabas/>).

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir um trabalho multimídia hospedado em site, construído por meio de entrevistas com mulheres negras chefes de família e das leituras bibliográficas necessárias. Desse modo, pretendemos expor as realidades do comando e manutenção do lar por meio das experiências singulares dessas mulheres negras, além de apresentar uma visão múltipla dos lares de diferentes condições socioeconômicas, fugindo das configurações tradicionais de família, compreendendo as diferenças entre a administração matriarcal e patriarcal.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desvendar e apresentar o contexto social e econômico que leva um número cada vez maior de mulheres, especificamente mulheres negras, a assumir, além dos serviços de manutenção doméstica do lar, o papel de provedoras financeiras e líderes da família;
- Investigar os processos de “formação” dessas mulheres como chefes do lar; como elas acabaram exercendo essa função que ainda hoje é considerada, tradicionalmente, um dever masculino;
- Compreender como estão organizados esses lares;
- Refletir sobre como a identidade racial da chefe do lar afeta a administração da residência;
- Identificar quais os impactos na saúde física e mental da dupla jornada que essas chefes do lar cumprem diariamente;
- Mapear quais leis protegem e auxiliam ou dificultam a vivência dessas mulheres.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

Durante muito tempo, prevaleceu um discurso no Ceará de que não existiam pessoas negras no estado. Seguindo essa lógica, éramos um povo formado majoritariamente por brancos europeus e indígenas nativos. Tudo isso embasado em argumentos de que tivemos pouco uso de mão de obra escrava no período colonial, e a abolição da escravatura no Ceará, quatro anos antes da Lei Áurea em comparação ao restante do país, sendo assim a população negra vinda nesse período seria irrisória. Em Censo realizado pelo IBGE em 2018, uma parcela de 6,45% da população da Grande Fortaleza se considerava pretos, contabilizando cerca de 254 mil pessoas da capital e região metropolitana que declarava esta identidade racial.

Quando procuramos por índices sociais relacionados a esse grupo no estado, não encontramos muita informação. E ao tentarmos estabelecer um recorte de gênero e raça simultaneamente, no caso em questão, mulheres negras na capital, esse material é inexistente. As mulheres negras atualmente são maioria no comando da unidade familiar em todo Nordeste, e ainda assim, nenhum dado relacionado a isso existe ainda no estado. O Ipece, órgão estadual que fornece pesquisas nessa área, traz a realidade da configuração dos lares cearenses apenas com o recorte de gênero e escolaridade, sem trazer nada relacionado à raça.

Apesar de possuir a menor população negra de todos os estados do Nordeste, esse grupo possui relevância social, e impacta nos índices do estado. Quem não conhece um lar cearense comandado por uma mulher negra? Essa realidade não é tão distante assim. Com mais frequência na periferia, mas também ocupando espaço nas classes mais ricas, todo mundo já conheceu algum colega, amigo ou familiar que tenha essa nova reconfiguração na família.

Então, porque apesar de tantos índices sociais no país que apontam uma maior vulnerabilidade socioeconômica para esse grupo, o Estado do Ceará ainda não possui informações e pesquisas mais precisas que abordem essa realidade para posteriores políticas públicas? **No Ceará, como mulheres negras chefes de família se organizam?** Acompanhamos ao longo desse projeto os mais vários tipos de arranjos familiares chefiados por mulheres negras para buscar entender suas percepções sobre como ser uma mulher negra em um Estado que ainda nega suas raízes escurecidas.

4. JUSTIFICATIVA

A comunicação enquanto um espaço que busca a visibilidade de pautas com relevância social e econômica pode trazer através do material multimídia que será construído uma percepção mais compreensível e que ainda não foi apresentada em nenhum estudo ou pesquisa no Estado. Expor e trazer para essas mulheres uma identificação com outras histórias semelhantes a delas, faz parte do papel social jornalístico.

Dentro do cenário exposto, os autores deste projeto possuem perspectivas únicas, pois, ambos passaram a maior parte, ou o todo, de seus anos de formação dentro de lares negros, que por sua vez foram, e ainda são, geridos por mulheres negras. Isso proporciona um olhar mais próximo ao objeto que não apenas resultou no interesse pelo tema, mas também nos conhecimentos e a sensibilidade necessária para o abordar.

Outra razão que justifica se debruçar sobre a temática *mulheres negras chefes de família* é a crescente relevância deste assunto. Uma das razões que ocasionou esse aumento na busca pelo assunto foi a decisão prevista na Lei Nº 13.982, DE 2 DE ABRIL DE 2020 de pagar em dobro o valor do auxílio emergencial a pandemia (R\$600) do Covid-19 a mães chefes do lar (solteiras).

É por oferecer este recorte racial que destaca a *mulher negra chefe de família* que este material recebeu o título de *Ayabás*. O termo vem da língua iorubá, idioma africano da cultura iorubá que hoje é falado em diversos países ao sul do Saara. Etimologicamente o significado, pronúncia e escrita do termo pode variar dependendo de contextos históricos e sociológicos, podendo ser traduzido simplesmente como “Rainha”, “Mãe Rainha”, e ainda, “Esposa do Rei” (Global Voices, 2020). No Brasil o termo é mais comumente utilizado em referência a Iemanjá e Oxum, divindades femininas, e fortemente associadas a maternidade, do panteão da umbanda e do candomblé. Entre os religiosos do candomblé, o termo faz referência a todas as divindades femininas.

O religioso Pai Paulo de Oxalá (Extra, 2012), explica que além da fecundidade essas divindades também são responsáveis pela riqueza e feminilidade. Outros aspectos associados à Iemanjá, Oxum, Nanã, Iansã e outras, são a guerra, a proteção do lar e das crianças, a sabedoria e a ancestralidade feminina. No candomblé “é muito comum o discurso em torno da ancestralidade para justificar o culto a vários deuses ao mesmo tempo justificando que seriam os ancestrais que vieram da África” (OLIVEIRA, 2020), este discurso de descendência, tanto dos antepassados quanto das divindades, cria uma hierarquia que mune as

religiosas e religiosos de autoridade e deveres, todos são importantes, mas “a mãe de santo é a autoridade máxima de sua casa de santo, só ficando abaixo dos orixás” (OLIVEIRA, 2020).

Um outro ponto a salientar é que estamos tratando de uma temática de negritude dentro de um curso com um histórico institucional de corpo docente branco, e que questões de raça não receberam ao longo desses 56 anos de fundação nenhum grande destaque. Discussões sobre questões raciais são normalmente mais tratadas quando se existem professores negros no corpo de profissionais do curso, o que infelizmente ainda não ocorre na graduação de jornalismo da UFC. Até mesmo o material de formação bibliográfica para as aulas não traz teóricos que saiam de uma zona de estudiosos brancos europeus e estadunidenses, com uma epistemologia centrada no hemisfério norte o que acarreta em ausência de debates e reflexões com autores decoloniais que são cruciais para a formação de profissionais criticamente politizados e até mesmo humanizados.

Trazer o projeto Especial Ayabás também é procurar alcançar uma certa criticidade profissional indo além do apresentado e aprendido em sala de aula. Empenhar-se em ler e conhecer assuntos que vão além de uma zona de conforto acadêmica e que a curto prazo expande seus conhecimentos.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente, faz-se necessário definir quem é a **mulher negra chefe do lar**. Fica claro quando falamos em mulher negra nos referimos a mulher brasileira afrodescendente que apresenta traços do seu fenótipo negróide, já o termo chefe do lar é mais complexo e exige um aprofundamento maior. Entende-se que a palavra “lar” faz referência à unidade familiar de um domicílio. No tocante à legislação,

[...] o tema possui uma definição mais restrita. Como regra geral, o Direito Civil considera membros da família apenas as pessoas unidas por relação conjugal ou de parentesco. As várias legislações definem, por sua vez, o âmbito do parentesco. A Constituição Federal de 1988 abrange a família como sendo o relacionamento entre um homem e uma mulher, podendo surgir o casamento ou uma união estável. Afirma também que pode ser composta pelo aspecto social (ABREU, 2014).

Quando nos voltamos ao Código Civil de 2002, fica bem claro que a unidade familiar gira em torno de um casal, unido por meio de matrimônio ou união estável, e sua prole. O Código Civil confere a mães e pais os mesmos direitos e deveres sobre a unidade familiar, a legislação dispõe ainda sobre o “poder familiar”:

Durante o casamento e a união estável, compete o poder familiar aos pais; na falta ou impedimento de um deles, o outro o exercerá com exclusividade. [...]. Divergindo os pais quanto ao exercício do poder familiar, é assegurado a qualquer deles recorrer ao juiz para solução do desacordo. (CÓDIGO CIVIL, 2002).

Socialmente, o termo unidade familiar é mais abrangente, sendo utilizado para descrever um grupo de pessoas unidas por laços sanguíneos ou afetivos e que compartilham uma residência.

As transformações na definição do núcleo familiar também afetaram a identidade e o significado do termo do chefe do lar. Anteriormente o termo era utilizado em referência ao pai que fazia as vezes do provedor financeiro do domicílio, essa visão hoje já é ultrapassada tanto legalmente quanto socialmente. Neste âmbito, atualmente o chefe do lar pode ser encarado como o *dono ou a dona da casa*, a pessoa de referência do lar, que é responsável pela manutenção e administração financeira do lar.

Desde os primeiros censos demográficos no Brasil, Recenseamento Geral do Império de 1872, já se era exigido o apontamento do “chefe da família”, em 1920, o IBGE entendia que:

[...] para os efeitos do recenseamento, constitui família, formando um domicílio particular, a pessoa que vive só e sobre si, em habitação ou parte da habitação, ou certo número de pessoas, que, por parentesco, subordinação, hospedagem ou

qualquer outra dependência, vivem em economia comum no mesmo domicílio, **sob o poder, a direção ou a proteção de um chefe**, locatário ou dono de toda ou de parte da habitação (Instruções aos delegados geraes e seccionaes e ás commissões censitarias, 1920, *apud* OLIVEIRA; SABOIA; COBO, 2002, p.8).

Atualmente, o IBGE utiliza o termo “responsável” no lugar de “chefe”, alteração que reflete as mudanças sociais nas configurações familiares. Contudo, ao longo das décadas e de vários Censos, ficou claro que “o termo chefe (de família ou de domicílio) em geral esteve associado à autoridade exercida sobre os demais membros do grupo e/ou **à pessoa que se constituía em sua principal fonte de sustento**” (OLIVEIRA/SABOIA/COBO, 2002).

Posto isso, fica claro que a mulher negra chefe do lar é aquela que exerce o papel de provedora financeira do lar - além das outras funções que podem lhe são atribuídas pela dupla jornada como a administração do lar, educação dos filhos, manutenção doméstica da residência - e por isso deve estar inserida na mercado de trabalho atividade autônoma que lhe proporcione remuneração.

Quando discussões sobre empoderamento feminino entram em pauta sempre é citado o espaço que a mulher atualmente ocupa no mercado de trabalho e nas instituições acadêmicas, o que é verídico, mas trazer um recorte racial dessa realidade apresenta muitas questões que são deixadas de lado, ou não são vistas inicialmente. A mulher negra sempre sofreu um estigma maior dentro da sociedade. Ela que está localizada na base da pirâmide social, sofre com o racismo estrutural e o machismo de uma sociedade patriarcal.

Enquanto as mulheres das altas classes de um feminismo branco¹ estavam à procura desses espaços no mercado de trabalho, a mulher preta não por opção mas por necessidade, já estava lá, se ocupando em serviços subalternos. As brancas que acolhiam as pretas dentro do movimento feminista negligenciavam as pautas desse último grupo. Bell Hooks (2014) explica em seu livro “E não sou eu uma mulher?”:

as feministas brancas tendiam a romancear a experiência feminina negra mais do que a discutir o impacto negativo dessa opressão. Quando as feministas num único fôlego reconhecerem que as mulheres negras eram vitimizadas e no mesmo fôlego enfatizaram a sua força, elas sugeriram que apesar de as mulheres negras serem oprimidas elas conseguiam contornar os impactos causados pela opressão sendo fortes – e isso não é simplesmente um acontecimento (HOOKS, 2014, p. 8).

Apesar de Hooks ser um feminista negra norte-americana o mesmo que ocorreu no Estados Unidos, se sucedeu com o feminismo aqui no Brasil. Silva e Canto (2010) relatam

¹ Termo utilizado do livro “E não sou eu uma mulher?” da escritora e ativista Bell Hooks para se referir aos primeiros traços do movimento que foi comandado por mulheres brancas de alto poder aquisitivo, e que traziam para o feminismo naquele período, apenas um recorte a partir do estilo de vida desse grupo.

que no país diante deste contexto de embates e divergências dentro do Movimento, é que ganha mais força o surgimento de organizações autônomas de mulheres negras brasileiras nos anos 80. Considerando que o movimento feminista tradicional estava impregnado pelo mito da democracia racial. E foram dentro dessas organizações de mulheres pretas, que suas pautas passaram a ser discutidas com profundidade, e como um espaço de reconhecimento e acolhimento entre as integrantes desses grupos.

No artigo “Mulheres Negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político” as teóricas Silva e Canto (2010) falam sobre a trajetória desse grupo em precisar criar seus espaços e exigir seus direitos, por não existir órgão ou movimento que elas se sentissem plenamente acolhidas,

Esse processo também foi vivenciado pelas mulheres negras brasileiras, que embora tenham se constituído enquanto agentes históricos de resistência, somente tiveram sua representatividade política reconhecida a partir da visibilidade conferida por sua militância na década de 1980. Nesse momento, a partir da redemocratização do Brasil e de sua inserção em diversos movimentos sociais, surgem as primeiras organizações femininas negras autônomas no Brasil. (SILVA & CANTO, 2010, p. 7).

Mesmo visualizando toda a militância da mulher preta na política ao longo das décadas, e com os avanços sociais visíveis, elas encontram-se em espaços ainda marginalizados. Segundo a ONU Mulheres Brasil, conforme a Pesquisa Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, entre as mulheres que sofrem agressões físicas durante alguma gestação ao longo da vida (6% no universo de 10 mil mulheres), 77% são mulheres negras. Além disso, 24% das mulheres negras vivenciaram a ocorrência de violência doméstica contra as suas mães, enquanto a mesma situação foi vivenciada por 19% das mulheres brancas no Nordeste. Ou seja, a mulher negra encontra-se entre os grupos mais vulneráveis do país, mesmo com todos os avanços e direitos conquistados.

Quando observamos o mercado de trabalho uma grande parcela das mulheres negras que trabalham fora do lar ainda exercem suas funções em trabalhos “braçais”, como empregadas domésticas e faxineiras. Quando observamos essas mulheres no quesito ensino, elas assim como os homens negros, estão em situação pouco favorável, no Ceará 63,5% dos jovens negros de até 25 anos, não completaram o Ensino Básico, o que reforça um estigma de pobreza sobre essa população, que muitas vezes largam a escola para ajudar na renda familiar.

O Ceará é considerado, segundo dados do IBGE, o estado nordestino com a menor população preta. Segundo matéria divulgada pelo jornal O Povo Online em 2019, apenas 5,29% da população no Ceará se considerava preta, totalizando 480 mil cearenses que se autodeclararam dessa raça. No estado durante muitas décadas existiu uma cultura, que ainda persiste, mesmo que em menor insistência, de que não se existiam negros, apenas a miscigenação de índios e europeus.

Chegando ao ponto central do projeto, que seria o protagonismo da mulher negra como chefe nos lares cearense, não podemos deixar de salientar todos os desafios que essas mulheres enfrentaram e ainda enfrentam até hoje. Segundo dados do IBGE, 61% das mães solas no país são mulheres negras, e grande parte desses lares estão localizados na linha de pobreza. Com a pandemia do coronavírus, as mães solas estão entre os grupos que mais sofreram com a chegada do vírus. Fortaleza e região metropolitana estão entre as três capitais do Nordeste com o maior número de mulheres chefes do lar (50,1%), segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

6. METODOLOGIA

Este trabalho exigiu o uso do método de entrevista jornalística oral para escrita dos perfis, visando colher e registrar os testemunhos do cotidiano das mulheres selecionadas como sujeitos desta pesquisa. Por meio deste recurso, pretendíamos identificar não somente a realidade do dia a dia, mas também particularidades das experiências de cada uma delas, oferecendo uma visão menos homogênea e estereotipada desse grupo. Grande parte das entrevistas, visando respeitar as condições sanitárias recomendadas devido à pandemia de Covid-19, foi realizada por videoconferência em formato online na plataforma Google Meet, serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google, e tinham duração de no mínimo uma hora e máximo de uma hora e meia.

Alguns materiais jornalísticos foram construídos por meio de entrevistas presenciais, a exemplo da fotorreportagem, do minidocumentário e do documentário, que exigiam captação de imagens, áudios e vídeos. Os eventos observados nesses espaços permitiram uma visão mais próxima do objeto e de suas relações familiares dentro do lar, conhecendo sua rotina diária, seja com a família, seja no trabalho. Durante o processo de entrevistas, planejamos nos aproximar das personagens para assim ganharmos confiança, gerando um conteúdo jornalístico de qualidade, mas que também conduzisse o leitor a uma identificação e afetividade, criando, assim, no momento do processo de estruturação do trabalho, das escritas de matérias e edição de vídeos, uma linha de raciocínio crítica e sensível.

Para produzir o Especial, precisamos formular métodos para encontrar nossas personagens, e o que fizemos de início foi publicar em grupos no Facebook, procurando mulheres negras chefes de família. Dessa forma, encontramos uma de nossas principais fontes, que integrou nossa grande reportagem. Outra técnica, ainda se utilizando das redes sociais, foi buscar por páginas de movimentos de mulheres negras no Ceará pelo Instagram e observar os perfis de seguidoras mais engajadas para, posteriormente, entrarmos em contato com elas. Ao descobrirmos a professora Zelma Madeira em reportagens de jornais locais, entramos em contato, e ela nos conseguiu uma fonte, Franciane Santos, que era integrante do Movimento de Mulheres Negras do Ceará, além de ser sua orientanda. Por sua vez, Franciane nos ajudou com outros nomes para nosso Especial.

Por meio de *hashtags* inseridas na ferramenta “buscar” do Instagram, encontramos o grupo Elas do Axé e a Silvia Maria, que nos apresentou todas as nossas fontes para o documentário e minidocumentário do Especial Ayabás sobre ancestralidade e mães negras chefes de família. Observamos no início da procura de nossas personagens um receio em

falar sobre suas vidas, mas, quando era alguma amiga que indicava, elas sempre acabavam sendo mais solícitas e aceitando o convite para entrevista.

No processo de conceber o Especial, foi de suma importância essa aproximação e saber da existência de grupos de mulheres negras e suas organizações no Estado para que pudéssemos ter mais conhecimento de causa para escrever sobre esse grupo que é o principal motivo para o desenvolvimento desse trabalho. E percebemos que elas se ajudam e se conhecem e assim passavam o contato de outra colega ou amiga que poderia ser fonte de outro material jornalístico do Ayabás. E desse modo fomos construindo nosso quadro de mulheres negras.

7. SUPORTE ADOTADO

As plataformas digitais como ferramentas de rápida disseminação de conteúdo são atualmente a melhor maneira de democratizar a informação. Para Bueno (2003), a comunicação através da internet rompe com as barreiras de tempo e espaço, proporcionando uma importante interação no contexto das organizações e do relacionamento destas com seus públicos de interesse, tanto internos quanto externos. Pensando nisso para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi criado um site com disponibilidade de material multimídia.

Apesar de não existir pesquisas e dados a respeito do número de mulheres negras chefes de família no Ceará e muito menos na capital, a intenção do trabalho é relatar de maneira perfilada o cotidiano dessas mulheres buscando fugir de estereótipos já muito disseminados na sociedade. Com a idealização do site, será possível de maneira mais tangível fornecer dados, entrevistas escritas e em vídeos, e os leitores poderão usufruir dos múltiplos materiais, e tentar imergir na realidade dessas personagens.

Quando observamos reportagens e matérias dos veículos de comunicação local, encontramos material citando o aumento de mulheres como pessoa de referência familiar nos lares da capital, mas infelizmente ainda não trazem um recorte racial, que será o enfoque do nosso trabalho. Segundo matéria veiculada pelo jornal O Povo em janeiro de 2019, metade (50,1%) dos lares fortalezenses possuem mulheres como chefes do lar.

Durante os últimos anos com o fácil acesso a internet, principalmente após o advento da web 2.0 e as interações sociais crescente, plataformas digitais, como é o caso do site, se tornaram a melhor maneira de armazenar e expor os mais variados assuntos. E optar por trazer o material sobre essas mulheres no site, facilita o acesso e corta gastos com a questão da disposição desses produtos para consumo do máximo de pessoas. Caso optasse por um material físico, como livro ou revista, esse material seria mais restrito.

Com o Especial *Ayabás* pretendemos trazer nossas perfiladas de maneira a causar identificação com os leitores, já que a cada dia é mais frequente o número de lares com mulheres no comando da sua unidade familiar. Além desse reconhecimento, a busca por uma reflexão também é possível, já que apesar de provedoras, essas mulheres em sua grande parte trabalham mais que os homens e ainda ganham menos, além de que estamos falando de mulheres que vivem uma dupla jornada de serem chefes de família e trabalhadoras assalariadas, enfrentando os percalços do machismo e racismo estrutural.

No curso de Jornalismo existe o hábito de publicar o produto jornalístico para os leitores apenas no final do semestre com tudo já montado. No caso do site, ele já é lançado com todas as matérias e a estrutura com todas as seções prontas, assim o leitor já tem acesso a todo material de uma única vez. Mas decidimos aceitar um desafio do nosso orientador e lançar o nosso site logo no início do semestre e construir o especial multimídia ao longo de cada semana com o lançamento de um novo material.

E para conseguir divulgar o site criamos uma página no Instagram que além de divulgar o projeto também tornou-se uma extensão do trabalho, sendo um espaço para promover a história de algumas mulheres negras que consideramos fundamentais para construção da luta gênero-racial no país, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Preta Tia Simoa e Marielle Franco foram algumas das homenageadas.

Escolhemos o Instagram para complementar nosso suporte por se tratar atualmente da rede social que mais cresce no número de usuários no mundo e ser a 5ª rede social mais popular do mundo, segundo dados da própria rede social. A intenção era trazer um conteúdo exclusivo para o Instagram para ele não se tornar um mero espaço do site, então todas as segundas-feiras eram lançados perfis de conhecidas mulheres negras apenas nessa rede social, nas quartas-feiras a cada 15 dias lançávamos uma entrevista ping-pong no site e todas sextas-feiras um material jornalístico e todos eram veiculados no Instagram.

8. ESTRUTURA DO PRODUTO

O produto multimídia Especial Ayabás: Mulheres Negras Chefes de Família é um site (<https://especialayabas.wixsite.com/home>), que conta com informações em vários formatos jornalísticos. No decorrer de um semestre produzimos e publicamos material semanalmente. Grandes reportagens, fotografias, documentário, quadrinhos, fotorreportagens e entrevistas ping-pong ocupam nossa página na internet. A plataforma onde estão hospedadas todas as informações é o Wix, um criador e editor de sites online. Essa plataforma foi escolhida pelos autores por maior familiaridade e liberdade criativa.

Pensando em alcançar o máximo de leitores com nossas histórias, o Especial criou um perfil na rede social Instagram, uma das redes mais utilizadas mundialmente, para ter um contato mais próximo com nossos leitores, e também auxiliar na divulgação do nosso trabalho, que consideramos de relevância social para a construção da identidade das mulheres negras cearenses.

O Especial Ayabás tem à disposição em seu site seis seções onde esses materiais são distribuídos, contam cada um com um viés próprio, abordando desde a vida familiar até a profissional, dialogando um pouco com a ancestralidade dessas mulheres chefes do lar na cidade de Fortaleza.

SEÇÕES

1. **Editorial:** Introdução geral ao tema e apresentação do projeto.
2. **Lar:** Imersão no dia a dia familiar de lares negros, abordando a história de construção de múltiplos núcleos familiares; estrutura familiar e estigmas, união civil e divórcio, maternidade solo; e suas dinâmicas de organização; administração do lar, divisão do trabalho doméstico, dupla jornada, educação infantil (formal e social).
3. **Vivências:** Apresentar problemáticas inerentes a identidade interseccional das personagens, ou seja, os impactos no dia a dia quando raça encontra gênero. Abordar questões como maternidade negra (escolhas, abandonos e pressões), mulheres negras vitimizadas pela violência doméstica e urbana, além disso explorar questões ligadas à saúde e à cultura da mulher negra.
4. **Renda:** Investigar a situação financeira da mulher negra e como ela sustenta sua família. Apresentar suas iniciativas de empreendedorismo, explorar a inclusão da mulher negra no mercado de trabalho formal e informal, e descobrir quais alternativas de auxílios (financeiro, social e emocional) existem para essas mulheres.

5. **Diálogos:** Entrevistas ping-pong com educadoras, especialistas e mulheres negras inspiradoras, trazendo vivências e reflexões sobre questões ligadas à raça, gênero, família, maternidade, economia e outras pautas do universo feminino negro.
6. **Expediente:** Apresentação dos autores, colaboradores, parceiros e orientadores.

PAUTAS

Essas são as pautas que foram trabalhadas em todo o espaço do site do Especial Ayabás.

01	Tema: Mulheres Negras chefes de família	Formato: Grande- reportagem
-----------	--	------------------------------------

Seção: Lar	Descrição: Apresentar a situação do crescente número de lares administrados por mulheres negras, apontando fatores históricos e sociais e as histórias de formação dessas famílias.
Título: Lares que construímos	

02	Tema: Administração do Lar	Formato: Minidocumentário
-----------	-----------------------------------	----------------------------------

Seção: Lar	Descrição: Apresentar os múltiplos formatos familiares que fogem da norma patriarcal, explorando os estigmas sobre essas famílias e os seus conflitos internos.
Título: Lares que construímos	

03	Tema: Violência contra a mulher negra.	Formato: Reportagem
-----------	---	----------------------------

Seção: Vivências	Descrição: Investigar as várias formas pelas quais a mulher negra é vitimizada pela violência doméstica e urbana - assédio nas ruas e local de trabalho (racista e sexual).
Título: Não sou tuas negas	

04	Tema: A ancestralidade para as mulheres negras dentro das religiões de matrizes africanas	Formato: Documentário
-----------	--	---------------------------------

Seção: Vivências	Descrição: Apresentar, por meio das palavras de religiosas da umbanda e do candomblé, as Ayabás, suas ligações sagradas com as pessoas que seguem essas práticas religiosas e a cultura negra de Fortaleza.
Título: Ancestralidade	

05	Tema: Maternidade negra	Formato: Quadrinho
-----------	--------------------------------	---------------------------

Seção: Vivências	Descrição: Apresentar questões da maternidade negra, escolhas da mãe (gravidez planejada, child-free, aborto), abandono parteral e maternidade solo.
Título: Afromãe	

06	Tema: Empreendedoras negras em Fortaleza	Formato: Reportagem-fotográfica
-----------	---	--

Seção: Renda	Descrição: Acompanhar o dia a dia de três empreendedoras negras da cidade de Fortaleza. Mostrar, por meio da fotografia, seus trabalhos, ambições e sonhos, assim como apresentar as famílias e comunidades ao redor dessas mulheres. A ideia é apresentar a ligação social com a clientela/vizinhos e famílias, mostrando como essas iniciativas engrandecem o espaço onde elas estão inseridas, além disso, dialoga com a cidade a produção do material.
Título: São elas que fazem acontecer	

07	Tema: Inserção da mulher negra no mercado de trabalho	Formato: Reportagem
-----------	--	----------------------------

Seção: Renda	Descrição: O objetivo do material é apresentar uma visão de que papéis essas mulheres desempenham no mercado de trabalho formal e informal, e como elas participam ativamente do giro econômico municipal.
Título: Serviço de Branco	

08	Tema: Iniciativas de apoio e Auxílio emergencial	Formato: Reportagem
-----------	---	----------------------------

Seção: Renda	Descrição: Alternativas ao sustento familiar, quais são as previsões governamentais que protegem famílias negras? Mostrar famílias auxiliadas pelo programa Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Auxílio Emergencial, creches e escolas públicas, assim iniciativas não governamentais.
Título: Outros Caminhos	

09	Tema: Mulheres Negras e os movimentos sociais no Ceará	Formato: Entrevista ping-pong
-----------	---	--------------------------------------

Seção: Diálogos	Descrição: apresentar como as mulheres negras estão se organizando enquanto movimentos sociais para reivindicar seus espaços de direito e fortalecer suas negritudes.
------------------------	--

10	Tema: Mulherismo Africana	Formato: Entrevista ping-pong
-----------	----------------------------------	--------------------------------------

Seção: Diálogos	Descrição: Conhecer a teoria mulherista africana enquanto um pensamento que busca voltar o olhar da mulher negra para si própria e para o continente africano procurando encarar suas realidades tanto nas ações do dia a dia quanto em suas ideias.
------------------------	---

11	Tema: Feminismo Negro	Formato: Entrevista
-----------	------------------------------	----------------------------

		ping-pong
--	--	-----------

Seção: Diálogos	Descrição: Conversar sobre como o feminismo negro auxilia na construção de uma identidade e identificação com sua ancestralidade negra e com suas pares. E assim, mulheres negras possam experienciar um empoderamento da sua cultura.
------------------------	---

9. PROJETO GRÁFICO

O planeamento gráfico configura a identidade do material, sendo parte essencial a transmissão do conteúdo ao leitor, no suporte online o planeamento também passa a tratar da articulação entre páginas e hiperlinks, multiplicidade midiática, interação do leitor com o conteúdo, organização e armazenamento do conteúdo e outras singularidades do meio (ABREU, 2006). Os elementos gráfico-visuais que compõem o material Ayabás: a diagramação, as famílias tipográficas, as paletas de cores, ilustrações (fotos, ícones gráficos, infográficos, quadrinhos), conteúdo audiovisual e a organização destes componentes na página.

Detalhamento do plano gráfico:

- Suporte Multimídia
- Website e Instagram
- 6 Secções
- Tamanho: 1980 px – 0000 px (Computador) e 414 px 0000 px (movel)
- Tipografias: Bebas Neue (logotipo - 160), Helvetica Light e Bold (texto – 16), Courier New (legendas e informações adicionais – 14, subtítulos 18 – 24) Anton (destaques – 18, títulos – 40)

Bebas Neue

ABCDEFGHIJKLMNOPQ
 RSTUVWXYZÀÁÊËÌÕŒ
 1234567890(\$£€.,!?)

68

Helvetica

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Courier News

ABCDEFGHIJKLMNOP
 QRSTUVWXYZÀÅÉÎÏØ
 abcdefghijklmnop
 qrstuvwxyzàå&123
 4567890 (\$£€., !?)

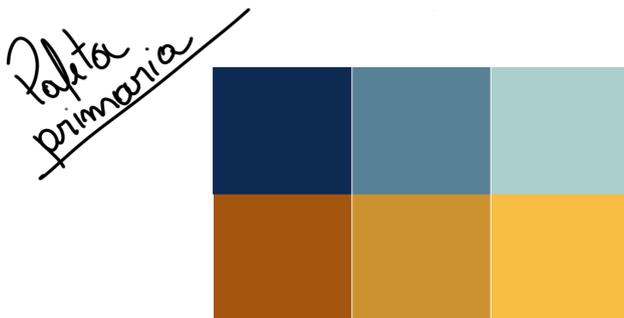
44

Anton



abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

- Espaço entrelinhas: 15 pts
- Softwares: Wix (hospedagem do site), Canva (criação de artes e materiais gráficos), Adobe Photoshop e Adobe Illustrator (criação de artes, materiais gráficos e edição de imagens), Camtasia Studio 9 (edição de material audiovisual).
- Paletas de cores: Preto (#000000), branco (#FFFFFF) e variantes – cores bases. Tons de azul e amarelo/dourado, representando as orixás Iemanjá e Oxum, compõem a paleta primária, por tanto, serão usadas prioritariamente na criação de materiais visuais - #0d2a53, #578196, #aaceca (tons de axul), #a5560e, #cd9230, #f7bc42 (tons de amarelo/dourado).



A identidade visual é o conjunto de elementos visuais (fontes, símbolos, cores, imagens, e afins) de referência a uma marca ou produto. Péon (2009) compreende a identidade visual como sendo dividida em componentes primários, secundários e acessórios. O logotipo, componente primário, é a forma particular pela qual se registra uma marca, podendo ser composto por tipografia existente, estilizada ou desenhada, no formato de uma letra, número ou nome. O símbolo, componente secundário, é o sinal gráfico que substitui o nome, forma que ao ser visualizada pode imediatamente ser associada a uma marca. Demais elementos como; grafismos, cores, jargões, mascotes, etc; correspondem aos acessórios. Estes elementos gráficos, apresentados de forma singular ou unidos, oferecem personalidade ao material e proporcionam identificação público-alvo.

O projeto Ayabás já possui o rascunho do componente primário, o logotipo do projeto. O logotipo é caracterizado pelo nome do projeto, escrito em Bebas Neue, cercado por um retângulo. O kerning e tracking (espaçamento dos tipos na fonte) foram diminuídos para produzir um formato compacto, oferecendo ao logotipo uma forma mais concreta pela ausência do espaço branco, a letra Y também faz as vezes de acento na última letra A. O logotipo pode ainda ser apresentado em outras formas; remoção completa do espaço branco e deixando a logo sem fundo (para aplicação sobre fotografias), ou ainda cercado por uma forma circular achatada (ao ser aplicado nas laterais).

Exemplos:



EDITORIAL

Nome: Ayabás - palavra de origem Iorubá, podendo ser interpretado como rainha, mãe rainha e esposa do rei. No Brasil se convencionou utilizar a palavra para descrever o grupo de entidade femininas das religiões de matriz africana - Umbanda e Candomblé.

Objetivo: O objetivo do trabalho é realizar uma imersão no cotidiano de mulheres negras chefes do lar e abordar, por meio das vivências dessas mulheres, os conflitos sociais e financeiros que afetam esta configuração familiar e a mulher à frente dela.

Público-alvo: O projeto é direcionado ao público fortalezense jovem-adulto (18 - 30 anos) e ao público adulto (30 anos ou mais), das classes B, C e D. Foco em especial ao público feminino negro, outros grupos racializados e a unidades familiares.

Política editorial: O projeto Ayabás visa remover estigmas sociais sobre os lares chefiados por mulheres negras (estruturais, raciais, de gênero e financeiros) ao apresentar configurações familiares múltiplas e distintas do patriarcado, assim como, apresentar as razões da multiplicação desses lares nas últimas décadas e que ações podem ser tomadas para garantir o sucesso dessas famílias. Visamos também oferecer uma visão mais ampla da população negra fortalezense, mostrando sua presença na cidade, suas comunidades, expressões afetuosas e culturais, assim como, as dores e violências que afligem essas famílias. Por último, mas não menos importante, zelamos pelo respeito à mulher negra e sua posição de liderança.

Linguagem: Tendo em vista o público-alvo, optamos por adotar a linguagem formal, porém a plataforma/suporte oferece alternativas que permitem intercalar o texto formal a formatos mais dinâmicos e descontraídos (audiovisual, fotografia, ilustração).

Seções: O projeto será dividido em seções fixas, além disso, apresentará espaço para publicação de entrevistas em texto e vídeo, e espaço para outros suportes.

Compõem o projeto as seções:

SEÇÕES

- Editorial: Introdução geral ao tema e apresentação do projeto.
- Lar: Imersão no dia a dia familiar de lares negros, abordando a história de construção de múltiplos núcleos familiares; estrutura familiar e estigmas, união civil e divórcio, maternidade solo; e suas dinâmicas de organização; administração do lar, divisão do trabalho doméstico, dupla jornada, educação infantil (formal e social).
- Vivências: Apresentar problemáticas inerentes a identidade interseccional das personagens, ou seja, os impactos no dia a dia quando raça encontra gênero. Abordar questões como maternidade negra (escolhas, abandonos e pressões), mulheres negras vitimizadas pela violência doméstica e urbana, além disso explorar questões ligadas à saúde e à cultura da mulher negra.
- Renda: Investigar a situação financeira da mulher negra e como ela sustenta sua família. Apresentar suas iniciativas de empreendedorismo, explorar a inclusão da mulher negra no mercado de trabalho, formal e informal, e descobrir quais alternativas de auxílios (financeiro, social e emocional) a essas mulheres.
- Diálogos: Entrevistas ping-pong com educadoras, especialistas e mulheres negras inspiradoras, trazendo vivências e reflexões sobre questões ligadas à raça, gênero, família, maternidade, economia e outras pautas do universo feminino-negro.
- Expediente: Apresentação dos autores, colaboradores, parceiros e orientadores.

10. REFLEXÕES GERAIS SOBRE O PROCESSO DE FEITURA

No processo criativo de construção do Especial Ayabás passei a encontrar nas histórias de cada mulher negra uma identificação e um reconhecimento próprio da minha história. A cada nova entrevista era um pouco da minha biografia que conseguia enxergar naquelas mulheres. Era notável em muitas das perfiladas características que se completavam, eram memórias e narrativas que pareciam apenas mudar de CPF e endereço. Todas as personagens eram mulheres negras que se atreveram a ocupar espaços que a sociedade se sentia desconfortável em vê-las ali.

Foram trajetórias erguidas sob muitas dores. Franciane Santos, uma de nossas entrevistadas falou de como nos identificamos através de nossas dororidades, e contemplando o perfil de cada uma de nossas personagens podemos perceber que as dores são exatamente a maior parte das características que nos identifica, mas felizmente não as únicas. Foi gratificante enxergar em todas essas mulheres negras um laço afetivo e de agradecimento para com as suas mais velhas - mães e avós - que as criaram e passaram suas heranças de negritude feminina.

As chefias de mulheres negras dentro de suas famílias no Brasil também é um traço de um matriarcado africano, obviamente que com a ocidentalização mudanças em muitos costumes do continente foram modificados, visto que todo povo preto que vive fora do continente Mãe vive em diáspora africana e sofre alterações nos costumes ancestrais.

Outra abordagem importante de frisar é a respeito da preparação do site ao longo do semestre 2021.1. Essa forma de apresentar e deixar visível para os leitores todo o processo produtivo desde o começo, trouxe um retorno de opiniões maior. Existiu seguidoras que acompanharam nosso material do início ao fim e sempre procuravam de alguma maneira dar um parecer sobre o que consideravam do material. Tivemos também pessoas indicando nas suas redes sociais nosso documentário sobre ancestralidade. Então todos os comentários nas publicações ou no direct do Instagram nos motivou e também até nos atentava quanto ao direcionamento a nossos materiais posteriores.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Karina Azevedo. **Conceito de Família**, Da legislação à prática - uma análise da 'essência' do Instituto. **JUSBRASIL**, 2014. Disponível em: <<https://karinasabreu.jusbrasil.com.br/artigos/151335962/conceito-de-familia>>. Acesso em: 06 out. 2020.

CANÁRIO, Ady. Desigualdades, mulheres negras e políticas públicas em meio à pandemia. **Portal Geledés**, 16 de abril de 2020. Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/desigualdades-mulheres-negras-e-politicas-publicas-em-meio-a-pandemia/>> Acesso em: 9 set. 2020.

CAPITAL, Redação Carta. IBGE: apenas 10% das mulheres negras completam o ensino superior. **CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades**, São Paulo, 9 de março de 2018. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/educacao/21396/ibge-apenas-10-das-mulheres-negras-completa-m-o-ensino-superior>> Acesso em: 9 set. 2020.

GIMENES, Erick. Racismo: taxa de assassinatos cresce para negros e cai para o resto da população. **Brasil de Fato**, Brasília, 27 de agosto de 2020. Geral. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao>> Acesso em: 05 out. 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, Rio de Janeiro, 1984, p. 223-244.

GLOBAL VOICES. Perdido na tradução: Por que o Google Tradutor costuma errar com o iorubá e outros idiomas, 2020. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2020/03/09/perdido-na-traducao-por-que-o-google-tradutor-costuma-errar-com-o-ioruba-e-outros-idiomias/>> Acesso em: 11 de out. 2020.

HOOKS, Bell. E não sou eu uma mulher? [recurso eletrônico]: mulheres negras e feminismo/bell hooks; tradução Bhuvi Linanio. - 1º ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IPECE, Assessoria de Comunicação. Número de lares chefiados por mulheres no Ceará cresce de 37,5% para 47,1% de 2012 para 2018. **IPECE**, Fortaleza, 14 de agosto de 2019. Disponível em:

<<https://www.ipece.ce.gov.br/2019/08/14/numero-de-lares-chefiados-por-mulheres-no-ceara-cresce-de-375-para-471-de-2012-para-2018/>> Acesso em: 9 set. 2020.

IPECE- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Indicadores Sociais do Ceará 2018**. Fortaleza, 2019. Disponível em:

<https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2020/03/Indicadores_Sociais_2018.pdf> Acesso em: 14 ago. 2020.

MULHERES negras do Nordeste são maioria entre as pessoas em vulnerabilidade e buscam inclusão nos ODS. **Onu Mulheres Brasil**, s.l, 26 de dezembro de 2017. Disponível em:

<<http://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-negras-do-nordeste-sao-maioria-entre-as-pessoas-em-vulnerabilidade-e-buscam-inclusao-nos-ods/>> Acesso em: 05 out. 2020.

OLIVEIRA, Sônia/SABOIA, Ana Lucia/COBO, Barbara. Dimensões preliminares da responsabilidade feminina pelos domicílios : um estudo do fenômeno a partir dos censos demográficos 1991 e 2000. **IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais**, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66197.pdf>> Acesso em: 06 out. 2020.

OLIVEIRA, Océlio. A terminologia do candomblé em Rio Grande, Acre. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191552/oliveira_ol_dr_sjrp.pdf?sequenc e=4&isAllowed=y> Acesso em: 11 out. 2020.

OXALÁ, Pai Paulo. As Àyabás e a Maternidade. 2012. Disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/as-ayabas-a-maternidade-6739441.html>> Acesso em: 10 ago. 2020

PAULINO, Nicolas. Metade dos negros com mais de 25 anos não concluiu Ensino Fundamental no Ceará. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 19 de junho de 2019. Metro. Disponível em:

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/metade-dos-negros-com-mais-de-25-anos-nao-concluiu-ensino-fundamental-no-ceara-1.2113182>> Acesso em: 9 set. 2020.

PINHO, Angela. Mulher negra avança no social, mas segue distante no trabalho e na política. **Portal Geledés**, São Paulo, 14 de abril de 2018. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/mulher-negra-avanca-no-social-mas-segue-distante-no-trabalho-e-na-politica/>> Acesso em: 10 set. 2020.

QUASE 60% dos cearenses com mais de 25 anos não completaram ensino fundamental ou médio, diz IBGE.. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 15 de julho de 2020. Metro. Disponível em:

<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/quase-60-dos-cearenses-com-mais-de-25-anos-nao-completaram-ensino-fundamental-ou-medio-diz-ibge-1.2966377>> Acesso em: 29 set. 2020

RODRIGUES, Rubens. Apenas 5% da população no Ceará se reconhece como preta, aponta Pnad. **O Povo Online**, Fortaleza, 22 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/05/22/apenas-5--da-populacao-no-ceara-se-reconhece-como-negra--aponta-pnad.html>> Acesso em: 24 set. 2020.

SILVA, V. R.; SILVA, C; MARIA, G.; SANTOS, S.; BERTHO, H.; FERREIRA, L. Um retrato das mães solas na pandemia. **Gênero e Número**, 18 de junho de 2020. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>> Acesso em: 1 out. 2020.

SILVA, C. F.S.; CANTO, V. S. Mulheres Negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político. In: **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 4., 2010, Maranhão. Anais...Rio de Janeiro: Editora UFMA, 2010.

TALICY, Eduarda. As mulheres comandam o orçamento no lar em Fortaleza. **O Povo Online**, Fortaleza, 17 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2019/01/as-mulheres-comandam-o-orcamento-no-lar.html>> Acesso em: 24 set.2020.

